

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA (\*).

REVUE D'HISTOIRE DES SCIENCES (órgão da secção de História das Ciências do *Centre International de Synthèse*. T. VI, n.º 3). Presses Universitaires de France. Paris. 1953.

Este número da *Revue d'Histoire des Sciences* traz variada colaboração e documentação. Do sumário, destacamos o seguinte: Jean Jacquot — *Humanisme et science dans l'Angleterre élizabéthaine: l'oeuvre de Thomas Blundeville*; François Rostand — *Schopenhauer et les démonstrations mathématiques*; Paul Rossier — *Coup d'oeil sur l'histoire des sciences exactes à Genève*; Pierre Astruc — *Rabelais botanique, anatomiste et physiologiste*; Louis Chauvois — *A propos du IVe centenaire de la mort de Michel Servet. Sa place dans l'histoire de l'anatomie*. Na parte de documentação aparece interessante bibliografia sobre a história das ciências do período que se estende desde a publicação da *Encyclopédia* até as primeiras décadas do século XIX. Na parte relativa às resenhas críticas, há o seguinte: artigo de B. Rochot sobre o livro de Pierre Humbert — *Philosophes et savants*; de R. Taton sobre o livro de S. Timpanaro — *Scritti di storia e critica della scienza*; de E. Dijksterhuis sobre o livro de Karl Brandi — *Geschichte der Geschichtswissenschaft*; de Melle Suzanne Delorme sobre o livro de Dorothea Waley Singer — *Giordano Bruno. His life and Thought*, etc.

J. CRUZ COSTA.

\*

O DOUTOR ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA. Documentos coligidos e prefaciados por Américo Pires de Lima. Agência Geral de Ultramar. Lisboa, 1953. 430 págs.

Alexandre Rodrigues Ferreira foi um dos mais notáveis exploradores do interior brasileiro, já tendo merecido de alguns estudiosos de nosso passado estudos biográficos de valor, entre os quais é justo citar os de Carlos França, em Portugal e o de Vergílio Corrêa Filho, no Brasil. No entanto, ainda existem lacunas e pontos obscuros na vida e obras do grande viajante. Por isso, tudo quanto seja para preencher essas lacunas e esclarecer os pontos ainda obscuros, deve ser considerado do mais alto interesse cultural. Foi pensando assim, que o Sr. Américo Pires de Lima reuniu em um belo volume, há pouco publicado pela Agência Geral do Ultramar, de Lisboa, nada menos de 135 documentos existentes no Arquivo Histórico Ultramarino (antigo Arquivo Histórico Colonial de Lisboa), todos referentes à vida do explorador ou à missão que realizou nos sertões

(\*) — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (E. Simões de Paula).

do Brasil. Aliás, convém relembrar, rapidamente os marcos principais dessa missão, na qual percorreu, pela Amazônia, cerca de 40.000 quilômetros, enfrentando as maiores dificuldades em regiões tão inóspitas. Chegando a Belém do Pará em 21 de outubro de 1783, embarcou para o Rio Negro a 19 de setembro de 1784, alcançando Barcelos a 2 de março do ano seguinte. Explorou o Rio Negro até janeiro de 1786, fazendo, desta viagem sete “participações” a João Pereira Caldas, governador da Capitania, nas quais tratou, principalmente, de questões agrícolas e administrativas; estes relatórios foram publicados pelo Instituto Histórico Brasileiro em sua excelente Revista. A 27 de agosto de 1788 encetou a segunda parte de sua missão, partindo para Vila Bela, no Guaporé, onde chegou a 3 de outubro de 1789, após mais de um ano de jornada. Foi, certamente, esta a parte mais trabalhosa e perigosa de sua monumental *Viagem filosófica*. De volta a Portugal, chegou a Lisboa em janeiro de 1793.

A maior parte dos documentos divulgados no volume que estamos noticiando refere-se ao período ativo da Expedição, nos dez anos que decorrem de 1783 a 1792. De 1793 a 1795, não há nenhum. De 1796 a 1802, há 28 documentos, que nos elucidam um pouco sobre a atividade de Alexandre Rodrigues Ferreira em Lisboa. Daí em diante, até a sua morte, em 1815, quase nada.

“Uma coisa que salta à vista, a quem percorrer estes documentos, é o extraordinário zelo, demonstrado pelo alto funcionalismo do Brasil, na satisfação das necessidades da Expedição. Isso prova a transcendente importância que lhe ligava o Poder Central, e a pressão por ele exercida sobre os capitães gerais do Brasil. Sempre o Dr. Alexandre foi tratado com a maior consideração, e alvo das maiores atenções. Isso era devido, em parte, às credenciais que levava; mas, também, em boa parte, às suas qualidades pessoais. Alguns atritos se levantaram, com aborrecimentos mútuos. Mas, ao fim e ao cabo, por onde passou, o Dr. Alexandre deixou um rasto de simpatia e respeito” (pág. 20).

Um grande vácuo existe na vida do grande explorador, que os seus biógrafos só parcialmente e, em parte conjecturalmente, têm conseguido preencher: a extraordinária desproporção entre os colossais esforços dispendidos, e os resultados científicos finalmente alcançados, isto é, a inutilização quase total de sua obra. Alguns dos documentos publicados pela Agência do Ultramar esclarecem os motivos do descalabro das coleções levadas para Portugal.

A obra que empreendeu era excessivamente grande para um homem só. “Ainda que não se tivessem dado a requisição de Junot, as malfetorias reais ou imaginárias de Vandelli ou de outro estrangeiro, nunca as imensas e variadas coleções obtidas pelo Dr. Alexandre poderiam ser estudadas por ele só, por maior que fosse a sua capacidade de trabalho, mais vastos os seus conhecimentos, mais dilatada a sua vida. Exemplos nacionais e estrangeiros demonstraram à evidência tal impossibilidade. A esta distância, é difícil, inútil e arriscado apontar os culpados, deslindar as responsabilidades, fazer recriminações. O que é possível e justo é aproveitar e valorizar os restos ainda opulentos da obra do Dr. Alexandre, dando publicidade ao muito que ainda existe, inédito, em bibliotecas e museus de Portugal e do Brasil. Isso seria uma justíssima, embora tardia reparação das infelicidades que perseguiram o insigne explorador, e das injustiças perpetradas contra a sua memória” (pág. 36).

Se assim pensou, melhor o fez. O trabalho ora publicado pelo Sr. Américo Pires de Lima em edição da Agência Geral do Ultra-

mar, vem contribuir de maneira eficaz para enriquecer o patrimônio científico de Portugal e do Brasil, entre os quais o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira é um brilhante traço de união, e não um pomo de discórdia como têm pretendido certos espíritos menos esclarecidos.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

\*

QUINTAS (Amaro). — *Notícias e Anúncios de Jornal*. Prefácio de Gilberto Freyre. Edição do Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura Municipal do Recife. s-d. 27 páginas.

Já aqui tivemos ocasião de nos referir, mais de uma vez, aos interessantes trabalhos do Prof. Amaro Quintas. Publica agora, o ilustre professor de História, da Universidade do Recife, um opúsculo sôbre *Notícias e Anúncios de Jornal*.

Gilberto Freyre, no prefácio a êste trabalho diz que “a verdade é que os anúncios de jornal, as notícias e os brasileiríssimos *a-pedidos* se prestam a tôda uma série de ensaios de interpretação do caráter e da cultura — cultura no sentido sociológico — do homem brasileiro” (pp. 7-8). Quem já tenha procurado estudar, principalmente a segunda parte da vida histórica do Império e as duas primeiras décadas do período republicano no Brasil, bem sabe quanta razão tem Gilberto Freyre na sua afirmação. E’ nas notas, nos comentários, nos “brasilérrimos” *a-pedidos* que melhor se surpreende êsse rico *sentido do cotidiano* da História a que se refere Gilberto Freyre.

Foi da Coleção de Jornais que se encontra na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco, sob a guarda inteligente de um estudioso modesto como é o Sr. Francisco Caheté, que o Prof. Amaro Quintas recolheu alguns anúncios e notícias que se encontram no seu interessante opúsculo. No *Sete de Setembro*, no *Carapuceiro*, na *Ratoeira*, no *Hum dos Cinco Mil*, no *Bezerro de Pera*, no *Votante de São José*, no *Papa-Angú*, na *Barca de São Pedro*, assim como no *Diário de Pernambuco* e no *Diário Novo* encontra-se material copioso para o estudo do que foi, no século passado, a vida pernambucana, nas suas tricas políticas, nas suas agitações populares, nas suas idéias, nas suas festas e nas suas aventuras sentimentais.

No *Nazareno*, de Borges da Fonseca, de 14 de junho de 1848, encontra-se êste trecho que, pela sua linguagem, revela quais as idéias do ilustre paraibano. “No dia 11, pelas 8 horas da manhã, na rua da cadeia desta cidade, foi um menino, filho de um pobre, esmagado debaixo de um carro. E’ assim que para satisfazer o fausto e o luxo do rico, os filhos do pobre morrem debaixo dos pés dos seus cavallos, e partidos pelas rodas dos seus carros. Todos os dias factos desta ordem vem enlutar o coração do verdadeiro patriota, mas nunca a policia tem procurado por termo a tão grande mal. Numa cidade (*a ortografia de Borges da Fonseca era muito parecida com a do Padre Feijó*) numa cidade como esta — citávamos — os carros e cavallos andam sempre a todo correr, e d’ahi vem tão melancolicos acontecimentos. Porque não se cumpre uma postura da camara municipal que prohibe correr a cavallo dentro da cidade? E’ por que ninguem faz caso do povo, e pouco importa, que morra o filho de um homem pobre ou que morram todos elles”. No mesmo jornal, com data de 11 de maio de 1848, verifica-se que

— ainda iam, então, bem exacerbados os sentimentos nativistas contra o “marinheiro”, contra o português. “...O Portuguez Paulino Ferreira Nunes, morador em fora de Portas n. 120, official de alfaiate, fique advertido para não coidar da vida dos abaixo assinados; sejam elles ou não republicanos, aliás terá de arrepender-se. Saiba esse infame que si os abaixo assinados são republicanos, como de facto o são, estão na sua terra onde podem ser o que quizerem: contenha-se, pois, aliás a barra está aberta...”. No *Diário Novo*, de 30 de agosto de 1845, sob o titulo: *Noticias Scientificas*, encontra-se isto: “O uso frequente de banho enfraquece muito e produz várias doenças, a falta tambem delles, sendo absoluta, pode gerar molestias da pelle, exasperar as paixões, suscitar doenças nervosas nas pessoas desocupadas, insomnias, ataques de sangue, é às vezes uma comichão exasperante por todos os membros, principalmente naquellas pessoas que se dão a trabalhos mentaes”. Não queremos, porém, finalizar esta nota sem reproduzir uma engraçadíssima carta, escrita por um certo Dr. José Tavares Gomes da Fonseca, que foi promotor público do Recife. Foi reproduzida do *Diário de Pernambuco*, de 18 de março de 1834 e poderia nos levar a melancólica meditação... A carta é de 17 de março de 1834, datada do Engenho de Limeiras e diz o seguinte: “Illm. Snr. João Firmino da Costa Barradas. Recebi a carta de V. S. com dacta de 5 do corrente, e outra seria a resposta da mesma se eu não visse que só a estupidez de V.V. o levaria a oferecer 200 patações a hum empregado publico, como eu, para alcançar a sua soltura do Exm.º Vice-Prezidente da Provincia por cuja ordem fora preso por dar aos Cabanos ajuda, favor, e conselho, fazendo em sua auzencia seu filho as suas vezes: volta pois seu confidente com a referida soma, que, quando muito só pode servir para peitar, ou subornar a hum Ente tão desprezível, como V. S. de quem sou Atento Venerador — José Tavares Gomes da Fonseca”...

Esperamos que o Prof. Amaro Quintas continui a publicar muitos outros trabalhos com os que já tem publicado. Com êles continuará a prestar aos estudos de história nacional, louváveis serviços.

J. CRUZ COSTA.

\*

BULHÕES (Augusto de). — *Leopoldo de Bulhões, Um financista de principios (1856-1928)* — Edições Financeiras S. A. Rio de Janeiro, s-d — X + 586 págs.

Em alentado volume acaba o Sr. Augusto de Bulhões de escrever um interessante trabalho sobre a vida de seu pai, o financista Leopoldo de Bulhões, cujo nome se encontra ligado a importantes financeiras do país.

Trata-se de livro em que o Autor se restringiu quase a apresentar os aspectos da vida pública de seu biografado, quer durante o Império, quer na República, onde sua atuação foi, naturalmente, de maior relevo.

Nascido em Goiás no ano de 1856, estudou Leopoldo de Bulhões na Faculdade de Direito de São Paulo, que na época era um dos grandes centros de agitação de idéias, devendo assinalar-se o fato de ter tomado, para tese de doutoramento, o tema “O Poder Moderador”, na qual pleiteava a abolição deste, por considerá-lo cópia descabida de modelo francês. Não chegou, porém, a receber o tí-

tulo de doutor, ao qual renunciou, “por afirmarem que a aprovação em escrutínio secreto formava parte do dote das filhas dos professores, que só o conferiam a seus genros ou pretendentes a tal” (pág. 21).

Desde cedo revelou Leopoldo de Bulhões tendência para os estudos sérios, preocupando-se com os problemas políticos, sociais e econômicos, como o demonstra na “Introdução” que escreveu para o livro de seu amigo e colega, Antônio Luiz dos Santos Werneck, intitulado “O Positivismo Republicano na Academia”, editado em São Paulo em 1880, livro êsse que apresenta, a nosso ver, uma faceta tôda particular daquela corrente de idéias em nosso país.

Deputado à Assembléia Geral no tempo do Império, Bulhões tomou parte no parlamento ao lado de Nabuco e Ruy Barbosa, na defesa do projeto da abolição da escravatura, o que lhe causou não ser reeleito para a legislatura seguinte. Favorável ao ideal federativo, encontrou, como tantos outros, caminho fácil para a sua perfeita adesão ao regime republicano, ao qual viria a prestar relevantes serviços, quer em cargos de eleição, quer em cargos administrativos. Dêstes cumpre ressaltar o de ministro da fazenda, durante a presidência Rodrigues Alves, de 1902 a 1906, e no govêrno de Nilo Peçanha, de 1909 a 1910.

Homem de idéias avançadas, foi um dos defensores do divórcio no Brasil, devendo-se a êle, também, a implantação do impôsto de renda em nosso país.

Constitui êste livro apreciável contribuição, sobretudo para a história da República, pela farta documentação que o Autor utilizou, transcrevendo, em grande parte, pareceres e discursos do seu biografado, assim como os debates de que êle participou na Câmara e no Senado. A êste propósito, aliás, cabe observar que o Autor deixou de fazer indicações precisas sôbre a documentação de que se serviu, extraída, sem dúvida, principalmente dos anais do Parlamento Nacional, o que representa lacuna lamentável em face das pesquisas que poderão ser feitas, no futuro, por outros estudiosos do assunto.

J. CRUZ COSTA